

Apresentação

Depois de três anos de estagnação, o mercado de trabalho passou, em meados do ano passado e em resposta à retomada do dinamismo da atividade econômica, a mostrar sinais de que um novo período de crescimento da demanda por trabalho estava se iniciando. Esse impulso, mais nitidamente visível a partir do último trimestre do ano passado, vem se mantendo de forma sustentada ao longo deste ano, com o nível de ocupação das seis maiores regiões metropolitanas alcançando, em agosto último, segundo a PME/IBGE, uma taxa de crescimento de 5,7% em relação ao verificado no mesmo mês de 1999. Esse extraordinário crescimento da ocupação não se vem refletindo de forma mais evidente nas taxas de desemprego em razão da expansão, também elevada, da PEA. Ainda assim, embora declinando de forma lenta, a taxa de desemprego, de 7,1%, registrada em agosto, já se encontra mais de meio ponto percentual abaixo da verificada há 12 meses (7,7%).

Com a expectativa de que também o nível dos rendimentos reais passe a apresentar um processo de recuperação consistente, o grande desafio que a atual dinâmica do mercado de trabalho coloca para os atores sociais nela envolvidos é o do crescimento da informalidade (dos 930 mil postos de trabalho gerados nos últimos 12 meses, mais de 61% foram ocupados por assalariados sem carteira de trabalho assinada).

Para debater esse tema, este número de *Mercado de Trabalho - Conjuntura e Análise* pediu a um conjunto renomado de personalidades do mundo do trabalho que trouxesse sua visão do problema, tanto no que diz respeito à sua gênese quanto em termos das perspectivas de superação. Marcelo Neri, da FGV, e José Pastore, da USP, dão a sua contribuição a partir da ótica de estudiosos do assunto; Enilson Simões de Moura, da SDS, e Manoel José dos Santos, da CONTAG, expõem as idéias de quem se defronta com essa questão no dia-a-dia de dirigente sindical; Antonio Ernesto Werna de Salvo, da CNA, traz a visão do empresariado rural, enquanto Vera Olimpia e Leonardo Rolim, do MTE, mostram como o governo vem buscando enfrentar esse desafio. Também a Nota Técnica deste número, de autoria de José Celso Cardoso Jr. e Suiane Fernandes, do IPEA, trata da questão da informalidade no mercado de trabalho, traçando sua evolução nos últimos 20 anos e levantando algumas hipóteses interpretativas para a dinâmica observada.

No Anexo Estatístico o destaque é a mudança da base de comparação do deflator dos rendimentos médios reais, trazendo-a para janeiro de 2000, o que torna o significado dos números mais fácil de ser apreendido. Simultaneamente foi feita uma pequena alteração metodológica no processamento dos dados, de maneira a compatibilizá-lo com a forma pela qual eles são calculados pelo IBGE.

